



SUE-AMERICANO

Organ Literario e Cientifico

ANNO IV

PROPRIEDADE DE
UMA ASSOCIAÇÃO

ESTADO DE SANTA CATHARINA

Florianopolis, 25 de Outubro de 1903

REDACÇÃO

RUA TIRADENTES N. 2

NUM 170

Expediente

Assignaturas

Semestre 2\$500

Pelo correio 3\$000

Pagamento adiantado.

Annuncios conforme ajuste

MEU DESEJO

Querer provar a não existencia de Deus pela sciencia, é, parece-me, negar a propria sciencia. Só Deus é encreado; e mais tudo que existe é obra sua, da qual a mais perfeita, o homem, é tambem a mais ingrata, pois nega-O.

E o que é o homem, essa individualidade, que sem poder comprehender a si propria, pretende entrar em cousas incognosciveis?

A facilidade com que tem vencido nas sciencias e nas artes, tornou-o pretencioso, esulto.

Tambem o archanjo mau julgava possuir poder igual ou maior que o do Creador, e a sua louca vaidade precipitou-o dos altos céus ás tenebrosas gehennas!

Pois não é verdade que o homem, *ente perfectivel*, apesar das grandes conquistas, é cada vez mais ignorante, que obra quasi inconscientemente?

Porque razão sabe aproveitar-se dos efeitos e desconhece as causas de tantos phenomenos?

Quantas cousas maravilhosas tem produzido a electricidade; mas já definiu-a o homem que a emprega?

E se existem ainda tantos mysterios, apesar do reconhecido progresso da humanidade, porque negar a existencia d'Aquelle que tudo fez?

Eu não quero que se subordinem ao *genesis*, só quero que admittam que Deus existe, que elle é o manancial de tudo que temos, o creador, não sómente d'este mundo de habitantes maus, mas o productor d'essas innumeradas espheras habitadas, que rolam pelos espaços.

Não pôde dar uma idéa exacta da infinita grandeza do Creador aquelle que do mundo só conhece microscopica parte. Mas essa mesma sciencia que tem feito negar a existencia da Divindade, é para muitos e talvez para a maior parte, a prova cabal de que Ella existe.

Entrae nos domínios vastissimos da Historia Natural

Descei do homem, o animal mais perfeito, e ide ao quasi infinitamente pequeno, a esses arimaculos unecelulares que o microscopico descobrio.

Examinae a vida de cada ser. Vêde as leis a que todos se subordinam, a intelligencia que todos possuem, e n'essas leis, e n'essa intelligencia, a mais ampla manifestação do poder grandioso de Deus.

A. L.

MEU DESEJO

Une petite maison blanche avec des contrevents verts...

J. J. ROUSSEAU.

Imagina—

uma casinha branca entre arvores...

THOMAZ RIBEIRO.

Num valle pouco extenso, cercado de virente roseiral aonde todo o anno abrissem rosas, á sombra de arvoredo na Primavera florescido e no Outono de fructos carregado,— *uma casinha branca com postigos verdes.*—

Em graciosas festões, a trepadeira, cachos de róxas flores por cima das janellas pendurando. — Mimoso harem de lindos beija-flores,— ao lado um jardimzinho aonde a aurora derramasse perlas e a noite accendesse pyrilampas

Ao fundo, uma horta viçosa de verduras, onde crescesse a pimenteira verde, como de gottasinhas de sangue ardente e rubro salpicada; virentes tomateiros o fructo nacarino offerecendo; estima dos legumes bem viçosos, a vista recreando co'o variado matiz. Além, lindas palmeiras, cinamômos em flôr, velhos jameiros de onde se ouvisse o sussurrar de abelhas embebidas nas flôres.

A' sombra, d'entre pedras cobertas d'alto musgo verde e macio, um jacto d'agua fresca, ben pura e crystallina, entre moitas de lírios e açucenas, no seio de uma fonte a cair docemente murmurosa...

Alli— no amanhecer a doce vida em mil perfumes gratos aspirada; descuidoso passar de instantes lédos, como no encanto d'algum sonho puro..

Quando no Céu aurora despertasse do seu berço de nuvens arrojando véus cor de rosa pelo azul do espaço, e pallida e mimosa, depois do sol no manto d'ouro s'escondesse, ao decorrer do dia, á noite — sempre — a imperturbavel calma, a doce quietação de um lar querido...

Na varanda pequena e assejada, umas cadeiras e na mesa branca de pinho setinoso, livros, papel e lapis; pinceis, tétas e tintas variadas, e uma jarra com flores.

Pela janella aberta,— a perspectiva do mar sereno e azul, além do campo; um céu formoso de gigantescas serras recortado, e lá c'o mar no extremo, branca vela a perder-se no Infinito...

Dentro e bem perto, alguém que me entendesse; — a'ma d'aquella solidão querida, vida d'aquella vida incomparavel, que commigo gozasse a paz serena de tão grato retro...

A' tarde, quando a hora da saudade acordasse o sentir da rola meiga e revoando as borboletas ossem lá no vergel beber o mel das flores, em praticas amenas, o doce recordar d'éras passadas, não trouxesse o pungir d'agras saudades, mas em sonhos de amor nos enbalasse...

E, si o placido lar dos meus amores, zelosa alim a Morte descobrisse entre os rosaes em flor,— que o mesmo somno intermino os olhos nos ceirasse e no mesmo sonhar embevecidas, nos as almas nesta hora ao céu voassem a despertar no Empyreo!

BRASILIA SILVA.

Passa amanhã o primeiro anniversario do fallecimento do nosso caro amigo e mestre—Eduardo Nunes Pires.

O *Sul-Americano*, que jámais olvidará o concurso que tão bondosamente lhe foi prestado por esse finado collaborador, curva-se respeitoso ante a lapide que cobre os seus preciosos restos, e sobre ella espargem goivos e saudades.

DOIS PROBLEMAS

Dois problemas, dois enigmas se apresentam constantemente aos olhos do homem:

—A vida e a morte!

O homem apparece no seio da natureza da mesma fórma que desaparece do scenario da vida para se envolver nas sombras da morte...

—D'onde veio? para onde vai?

—Quem o sabe?

O mysterio vem do seu nascimento; o mysterio o cerca; o mysterio o acompanha, o mysterio vai até á sepultura...

—O que é a vida? O que é a morte?

—Quem o sabe? quem resolveu esses problemas? quem os demonstrou com a precisão mathematica? quem os deduzio?

A philosophia?

Ora, a philosophia... Si a philosophia fosse a verdade—não se dividiria em tantas escholas oppostas, porque a verdade, sendo *una*, é indivisivel.

O que a arithmetica affirma a algebra não destroe; o que a algebra demonstra a geometria não contraria; o que a geometria ensina a trigonometria não annulla...

E porque?

Porque a mathematica é a verdade....

Vivamos e morramos, pois, sem nos preoccuparmos com os problemas:

—O que é a vida? o que é a morte?

A sciencia humana jamais os resolverá.

O homem irá sempre do berço á tumba sem saber d'onde veio e para onde vai...

E porque?

—Porque a vida e a morte são dois mysterios insondaveis! dois problemas sem solução! — duas interrogativas a preoccuparem o ser pensante!

X.

Realisa-se hoje no Club 16 de Abril o concerto promovido pelos artistas Dias Albertini e Carlos Guimarães. Esta attrahente festa é dedicada ao Gremio Violeta.

NAUFRAGO

Do largo, extenso mar nos ambitos serenos
Eu vejo um lindo barco a deslizar sosinho
E lembro-me d'um lenço alvissimo de linho,
Que some-se distante a me fazer acenos.

Parado então na costa escuto os doces threnos
Da brisa carinhosa a ciciar baixinho.
O Sol descamba além por entre o fino arminho
Dos vermelhões do Occaso immensamente amenos...

E o barquinho gentil, correndo a todo o panno,
Vai longe e destemido em busca, no oceano,
D'um porto onde floresça a desejada sorte.

Já foi tambem meu sonho um barco alviçareiro,
Mas no mar d'esta vida a velejar fagueiro,
Infeliz naufragou sem devisar o Norte!

R. LOPES.

Sonata d'alma

XL

O leitor, que viu a chegada do novo hospedeiro do hotel *Printemps* que foi testemunha da insistência por elle empregada em saber noticias de Raul, que lhe ouviu as phrases surdamente pronunciadas com relação á vida monastica, terá facilmente reconhecido nessa personagem o irmão visitador.

Sim, era elle!

Partira do Rio de Janeiro um dia depois de José Francisco, e, como previa o itinerario deste, chegou a Marselha no mesmo dia em que os dois amigos ali se tinham encontrado.

O receio de José Francisco em encontrar-se com o frade, o perigo que dahi poderia provir a Raul, fizeram com que sem mais demora deixassem Marselha e se internassem para a Suíssa.

O frade, porém, sabendo o caminho que Raul havia tomado, não trepidou—impulsionado sempre pela ideia que lhe tinha feito atravessar o oceano, no seu ultimo quartel da vida—em seguil-o, e tomou o trem para Aries, na esperança de lá encontrar-o, ou obter noticias que o povessem na estrada seguida por aquelle que fôra seu companheiro de claustro.

Uma circumstancia imprevista veio entretanto impedir a realisação do seu plano de perseguição.

O irmão visitador era um dos numerosos passageiros do trem que, segundo tinham noticia para Genebra, descarrilhara em viagem de Marselha para Aries.

Por uma troca de signaes, devida ao nevoeiro que na quella manhã se estendia sobre a região atravessada pelo caminho de ferro, o trem de Aries para Marselha entrou na linha do que ia desta ultima cidade, e em breves minutos deu-se um terrível choque, cujo resultado foi desastroso.

Alguns passageiros perderam a vida; outros foram retirados em um estado bastante grave, cobertos de contusões.

Um trem especial transportou os feridos para Aries, onde foram recolhidos a um hospital.

No numero destes contava-se o irmão visitador.

Uma febre traumática apoderou-se do velho frade; no seu delirio não cessava de repetir: Frei Leandro! Frei Leandro! Estás finalmente nas minhas mãos. Ganhei a partida...

Era, portanto desesperador o seu estado.

Emquanto o irmão visitador se achava assim entre a vida e a morte, Raul e José Francisco preparavam-se para deixar Genebra e tomar o caminho de Zurich.

Este ultimo mostrava-se alegre, satisfeito: é que via emfim chegar o momento em que devia realisar-se o seu plano.—o encontro de Julia e Raul. Não fôra para conseguir isso que deixara

sua patria e se aventurara a uma longinqua viagem?

Raul observava-o, mas ignorava ainda a causa da alegria que irradiava do semblante do seu amigo.

A hora da partida aproximava-se, e os dois moços deixaram o hotel e tomando um carro de praça dirigiram-se para a estação do caminho de ferro.

Precisamente no momento em que se apeavam, um individuo, tendo na mão uma pequena mala e uma bolsa de viagem a tiracollo, dirigia-se tambem para a porta da estação.

Raul soltou uma exclamação de surpresa que sendo ouvida pelo transeunte, fel-o voltar o rosto para o lado donde ella havia partido.

Este encaminhou-se para Raul, e, depondo a mala no chão, deu-lhe um apertado abraço, dizendo: Mim estar contente ver senhorr outra vez.

Era o sr. John Brighton.

O engenheiro inglez, tendo se desempenhado da missão que o levava á sua terra natal, voltara ao continente e, casualmente encontrava-se de novo com o seu companheiro de viagem.

Raul apresentou-lhe o seu amigo José Francisco, e, como sentissem o signal da proxima partida do trem, apressaram-se em tomar os seus bilhetes de passagem e occupar os seus lugares.

Apenas a locomotiva poz-se em movimento, deixando Genebra, esse foco donde irradiaram-se adoutrinas de Calvino, que tanto abalo causaram em França no seculo XVI, Raul perguntou ao sr. Brighton:

—Dirige-se tambem a Zurich ou deixa-nos antes de lá chegarmos?

—No, mim seguir até lá.

E então contou a Raul que o sr. Kugel lhe havia escripto communicando lhe a resolução que tomara de fixar a sua residencia em Zurich, e que ali o esperava para a celebração de seu consorcio com miss Clara.

—Será para mim um grande prazer encontrar ainda uma vez aquelle nosso distincto companheiro e suas interessantes filhas, disse Raul.

—O' yes! miss Clara estar very beautiful; mim estar muito gostose por ella.

—Que a sua união com tão digna moça seja coroada das maiores felicidades, disse Raul apertando a mão do inglez.

—All right. Thank you.

José Francisco prestava attenção á conversa, e apesar da linguagem extravagante do sr. Brighton, já sympathisava com elle.

No decurso da viagem estreitaram-se as relações entre ambos. O engenheiro narrou ao seu novo amigo todas as peripecias occorridas na travessia do Atlantico, não se esquecendo do grave perigo por que passara Raul na cratera do Tenerife.

José Francisco ouvia curioso todas essas aventuras.

Assim distrahidos, percorreram a distancia que os separava de Zurich.

O trem, atravessando a ponte que une as duas margens do Limmat, penetrou na cidade que tão agradável surpresa reservava ao fugitivo do convento.

J. TABORDA.

ARMAS

«Rien n'est si facile que de tirer un coup de fusil; rien n'est plus difficile que de le bien tirer.»

(Continuação do n. 161)

Citando o que fica acima, tive em mira procurar um apoio para o meu modo de pensar sobre os diversos tiros, sejam ao alvo ou ás caças.

E' na verdade facillimo dar-se um tiro de fusil, pois que não é preciso para isso senão carregal-o e fazer pressão no gatilho; mas é muitissimo difficultoso metter-se uma bala no alvo, desde que não se tenha pleno conhecimento da arma com a qual se vae atirar. Está claro que o pleno conhecimento a que me refiro só se obtem depois de muito exercicio, cousa dispendiosa, decerto, e que não está, por isso mesmo, ao alcance da maioria dos amadores do tiro.

E' custoso o atirar bem na caça, porém o atirar em publico ainda o é mais, visto estar o atirador com os nervos a vibrarem, devido ás descabidas apreciações, aos commentarios do observador e a outras causas.

Além d'isso, um b. m. mesmo um excellente atirador de Marlin, Winchester, etc, nada fará ao pegar pela primeira vez n'uma Mauser.

Vejamos porque.

As pontarias com as armas citadas e com outras são feitas com todo o ponto de mira a descoberto, isto é, vendo-o inteiro pela ranhadura da alça, ao passo que com as armas modernas de guerra, como o nosso fusil regulamentar por exemplo, ja não é assim, porque tal carabina possui a primeira ranhadura ou alça fixa calculada para 300 metros.

Citei Honoré Ginel para corroborar o meu proprio modo de ver sobre as difficuldades do atirar bem, e agora re'e irei o que se passou com o grande explorador portuguez Serpa Pinto, afim de mostrar os inconvenientes de não se ter inteiro conhecimento da arma que se possui.

O valente Major possuia, como era natural, diversas armas, entre as quaes uma carabina com que lhe presenteara o rei D. Luiz, uma carabina Lepage.

Dispondo de armas mais leves, como a Winchester por exemplo, não levava á caça dos antilopes, leopardos e outros animais medios da Fauna Africana a sua pezada e poderosa carabina, a carabina d'el-Rei.

Ao chegar, porém, ao paiz dos bufalos essa arma tinha que funcíonar.

Todos sabem que o bufalo africano é o mi-

FOLHETIM

Tristezas á Beira Mar

POR

PINHEIRO CHAGAS

(Continuação do n. 169)

VIII

—Jesus, tio Ambrosio que me diz vossemecê? interrompeu uma mulher do povo, nova e bonita, que se viera chegando com um filhinho ao collo. É o meu Antonio, que ainda não voltou da pesca!

—Nossa Senhora t'ó ampare, rapariga; fia-te em Deus, que tudo ha de fazer pelo melhor.

Fôra-se reunindo gente. Andavam muitos barcos por fóra, e as familias dos pescadores, inquietas, vinham para o seu miradouro habitual. Mulheres e crianças começavam-se a agrupar em torno de Leonor, que a todos acolhia com meiguice, suavizando-lhe os terrores e interessando-se por tudo quanto lhe interessava. Ellas, em compensação, não se fartavam de a admirar, de a ver, e chegavam-se para ella como para se abrigarem á som-

bra das azas invisiveis do anjo da guarda, que a protegia como a celeste irmã.

Jorge e Magdalena, acompanhados por um padre muito de casa de Mello Figueiredo, venerando e apostolico sacerdote, que envelhecera no seu presbyterio á beira-mar e que na contemplação do Oceano aprendera a desprezar as paixões humanas, que na sociedade tanto imperio exercem sobre a corporação clerical, miravam enternecidos esta singela scena.

—Tio Ambrosio, disse Leonor, voltando-se para o propheta de desventuras e soltando um grito de entusiasmo, parece-me que se engana desta vez. Que admiravel, que esplendido pôr do Sol!

E era assim. Quasi a atufar-se nas aguas, o Sol desprendera-se por um esforço energico das nuvens que mais o assoberbavam, e rareando-lhes um pouco a massa densissima, luzia pelos intervallos em todo o seu esplendor. Os raios, que emanavam do luminoso orbe, abrazavam em toda a sua extensão o céu calliginoso. A massa das nuvens, como palacio esborado em ruinas pelo incendio, assumia formas phantasticas, purpureava-se e dourava-se com o esplendido reflexo da luz solar. Parecia que o céu estava todo em fogo e o mar vermelho no horizonte parecia revolver nas suas ondas sanguineas labaredas. Era um espectáculo realmente maravilhoso.

O velho pescador esteve um instante com os olhos cravados respeitosamente no panorama que a *fadazinha* lhe indicava, como homem singello que lê nestas magnificencias da natureza o cantico sublime dos louvores de Deus. Mas depois abanou a cabeça com melancolia e disse:

—E' o forno que se accende. Em a labareda se apagando, corre o demonio ás soltas!

Os outros pescadores confirmaram com o silencio o sinistro agouro do collega. Effectivamente o vento não abrandára, antes parecera redobrar de violencia e as ondas bramiam cada vez com mais furia, batendo nos rochedos, que se aprumavam como sentinellas avançadas de um e de outro lado da enseada.

Ao longe no horizonte vermelho, via-se um barco, que fazia força de vela para terra. Os ultimos clarões do Sol douravam-lhe a vela alvejante, que parecia inundada de esplendor. Só esse barquinho povoava a immensidade. Os olhos não viam mais que um immenso deserto, onde as ondas corriam furiosas como leões selvagens pelos areaes africanos.

Era evidente que os ultimos barcos tinham procurado abrigo n'algun outro porto da costa e que só aquelle esperára chegar, antes do temporal imminente, á enseadazita de Ericeira.

Continúa.